

Avaliações sobre o futuro Congresso

Definida em linhas gerais a vertente em que se situa a sucessão de governadores nos estados, a composição do Congresso passa a ter suas perspectivas examinadas. Dela depende a estabilidade do governo Collor a partir do próximo ano e é natural que se façam avaliações e especulações sobre as forças que deverão predominar no Senado e na Câmara depois das eleições. No Senado as alterações não serão substanciais, pois renova-se ali apenas um terço da representação, mas há a lamentar desde já a perda de alguns de seus expoentes. Por morte, Afonso Arinos e Luis Viana Filho. Por falta de condições político-eleitorais, Roberto Campos e Severo Gomes. Outros senadores de peso correm ainda riscos eleitorais graves. Na Câmara a renovação deverá ser superior a 50% da atual representação, segundo cuidadoso levantamento feito pelo *Correio Brasiliense*.

Tem-se como assentado que os dois principais partidos manterão suas respectivas posições. O PMDB, atualmente com 130 deputados, poderá sofrer pequena redução, possivelmente para 115 e o PFL deverá manter seus 90 representantes. Deve-se ter em conta todavia que por influência do poder Executivo ambos os partidos poderão ter alterada sua composição, mediante defecções e adesões. O PMDB, o mais instável, continua substancialmente dividido e a esquerda praticamente emigrou dos seus quadros. A eleição de três governadores peemedebistas de perfil centrista, ou pelo menos desengajados da luta que fizera deles aliados da esquerda — os do Amazonas, Pará e Goiás —, poderá influir para suavizar seu atual perfil oposicionista. Isso se agravará por novas deserções da esquerda remanescente. Admite-se também que a propalada liderança de Orestes Quércia sobre o partido alterará sua definição política e ideológica.

O PFL pretende credenciar-se a acolher os migrantes do PMDB e de pequenas legendas que se situam na vertente governista. Tudo dependerá, porém, da orientação do presidente da República e de suas lideranças ativas. Há o pressuposto, respaldado pela posição do ministro Bernardo Cabral, que se demitiu do PMDB sem fazer nova opção partidária, de que Collor promoverá a aglutinação das forças que o apóiam num novo partido. A liderança do PFL reage a essa tendência e Marco Maciel e Hugo Napoleão lutam pelo fortalecimento do partido que deverá reforçar sua bancada de senadores, melhorar



sua posição relativa na Câmara e conquistar de oito a 10 governos estaduais.

Como forças aliadas ao presidente o PRN e o PTR deverão ampliar sua presença, principalmente o primeiro. Também o PTB, o PL e o PDC poderão manter suas posições atuais e espera-se ainda a presença de deputados nas legendas menores, tanto as ideológicas quanto as mercenárias. O destino dessa gente está pendente, no entanto, da definição presidencial, pois nenhum desses partidos dispõe de apelo próprio nem de condições para resistir a uma articulação de escala. Para seus donos o problema será apenas o de preservar a legenda para uso oportuno. A representação parlamentar da esquerda é que parece destinada a sofrer modificações mais expressivas, contando-se como provável sua redução global.

A representação parlamentar da esquerda é composta no momento, segundo o consenso, pelas bancadas do PSDB, PDT, PT, PSB, PCB e PC do B. Os tucanos são hoje a terceira representação na Câmara, mas há indicações de que tende a diminuir o número deles. Mais do que isso, a eventual derrota do senador Mário Covas na luta pelo governo de São Paulo poderia liberar muitos de seus correligionários para seguir a tentação que os marca desde o ano passado e se realizarem politicamente numa colaboração com o presidente Collor. O PSDB, segundo a tendência de hoje, elegeria apenas o governador do Ceará, Ciro Gomes, patrocinado por Tasso Jereissati, um político que antes de tucanar examinava a hipótese de entrar no PRN. Por aí pode-se chegar a formas de social-democracia, não propriamente à esquerda, tal como ela é visualizada no Brasil.

O PDT e o PT deverão ter acrescidas suas bancadas, o primeiro por efeito principalmente da liderança de Brizola no Rio de Janeiro, e o segundo por crescimento vegetativo da legenda. O PSB, com o ingresso de Miguel Arrais, terá sua posição melhorada, com eleição de deputados também em outros estados além de Pernambuco. Os partidos comunistas poderão manter suas atuais representações e da Bahia vem a boa notícia de que melhora a posição eleitoral do deputado Fernando Santana, que representa com grande autenticidade essa corrente de opinião desde 1958. Apesar de cassado em 1964, ele voltou, como se sabe, em 1982.